



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA FAIANÇA PORTUGUESA DE SANTA CLARA-A-VELHA: DESIGUALDADE, SUBALTERNIZAÇÃO, EMANCIPAÇÃO

Inês Almendra Castro¹, Tânia Manuel Casimiro², Ricardo Costeira da Silva³

RESUMO

Entre os séculos XVI e XVII as mulheres vão ser representadas na faiança portuguesa. Nessas representações podemos conjecturar a sua existência enquanto agentes sociais, vítimas de subalternização, apagamento social e desigualdade. As alusões mitológicas e religiosas apresentam a dualidade da sua natureza maléfica e do ideal virtuoso que elas deveriam procurar atingir. As figurações “reais” mostram que eram valorizadas enquanto esposas, mães e “objeto” belo. Este artigo debate as representações femininas na faiança portuguesa recuperada nas escavações arqueológicas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha com dois principais objetivos: compreender como é que estas mulheres eram vistas por aqueles que as representavam e tentar perceber o papel destes objetos na vida das religiosas, enquanto forma de subalternização e/ou emancipação, e de ligação ao mundo exterior e às suas identidades passadas.

Palavras-chave: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (Coimbra); Faiança; Representações Femininas; Desigualdades de género; Agência.

ABSTRACT

During the 16th and 17th centuries, women were subalterns and socially erased. These social agents are going to be represented in Portuguese Faience as mythological characters, embodying the dualism between their malefic nature and the ideal of virtue, and as real characters reminding them of their social role, valued as wives, mothers, and as “objects” of beauty. This paper aims to debate female representations in the Portuguese faience found in the Santa Clara-a-Velha Monastery with two main purposes: to comprehend how these women were seen by the ones who depicted them and try to understand the role these objects played in the lives of the women who lived inside the monastery as forms of subalternization and/or emancipation but also as a connection to the outside world.

Keywords: Santa a Clara-a-Velha Monastery; Faience; Female representations; Gender inequality; Agency.

1. INTRODUÇÃO

“Uma mulher é uma filha, uma irmã, uma esposa, e uma mãe, um mero apêndice da raça humana”, é o que nos diz Richard Steel no século XVIII (citado por Duby e Perrot, 1994: 15). Esta frase parece sintetizar o modo como as mulheres eram percecionadas entre os séculos XVI e XVIII e mostra-nos como as mu-

lheres eram vítimas de subalternização, apagamento social e desigualdade. Às mulheres na sociedade portuguesa, ao exemplo de diversos outros locais na Europa, eram exigidos certos comportamentos que as obrigavam a restringir as suas ações. Raramente tinham identidade legal enquanto indivíduos, estando quase sempre condicionadas e subalternizadas a figuras masculinas. A sua liberdade chegava quando as

1. NOVA-FCSH / donaines.castro@gmail.com

2. NOVA-FCSH / CFE- HTC-IAP / tmcasimiro@fcs.unl.pt

3. FLUC; UC- CEIS2o / rcosteiradasilva@gmail.com

figuras masculinas desapareciam, pelo que a viuvez poderia trazer essa condição. A uma mulher no século XVII era exigido que fosse boa, honrada, fiel, dedicada, devota a Deus, à família e ao lar (Ulrich, 1991). A entrada numa casa religiosa poderia ser vista sob diferentes perspetivas: sob a forma de prisão, visto que o abandono da vida secular forçava a que o contacto com o mundo externo desaparecesse, ou de libertação. Ao mesmo tempo que a entrada num mosteiro condicionava as deslocações destas mulheres e o desenvolvimento das suas relações sociais, também as fazia deixar de estar dependentes de um jugo masculino e da moralidade imposta por uma sociedade assente em fundamentos de moral masculinizada. Ingressar numa casa religiosa implicava uma obliteração da antiga identidade para a formação de uma nova, com um novo nome, mas ao mesmo tempo anónima. Era-se mais uma pessoa dentro do coletivo, um coletivo que era feminino, mas dominado pelas regras impostas por homens; dependente dos papéis litúrgicos desempenhados por homens; observado, controlado e denunciado por homens; e sujeito às penas e disciplinamentos dos homens. Regras, controle e penas impostas masculinamente, mas que estas mulheres aprenderam a dominar, controlar e subtrair das suas vidas quotidianas. As mulheres eram, assim, agentes fundamentais na reprodução social, não apenas enquanto esposas e mães, mas igualmente enquanto religiosas que mantinham em funcionamento um modelo de repressão feminino que as mesmas aprenderam, como veremos, a dominar. A resistência que motivavam, nomeadamente através do uso de louça ou do consumo de alimentos, mostra como a sua liberdade de agir e a sua capacidade de escolha criaram, ainda que subtilmente, um diferente processo histórico motivado pela agência feminina (Joyce e Lopiparo, 2005: 366). Estas agentes vão figurar na faiança portuguesa que vai ser consumida nas casas religiosas femininas em Portugal entre as quais Santa Clara-a-Velha é apenas um de muitos exemplos. A representação feminina na faiança portuguesa não é exclusiva aos conventos e mosteiros, no entanto, até ao momento não surgiram estudos que a abordem numa perspetiva artística, cultural e social, analisando como estas representações refletem as perspetivas da sociedade seiscentista portuguesa sobre o corpo e comportamentos femininos e como isso pode ter influenciado as mulheres. Como veremos, a mulher representada na faiança

portuguesa poderá ser dividida em dois tipos: a mulher real, aquela que é representada como agente de reprodução social, retratada em atividades sociais, culturais e económicas, ainda que reduzida aos seus atributos estéticos; e a mulher imaginada, aquela que alude ao imaginário mitológico e religioso, estético e artístico.

Ao abordarmos as representações femininas na faiança portuguesa deve então ser debatida não apenas a forma como estas mulheres são vistas pela sociedade em geral, mas também o papel destas cerâmicas enquanto objeto que marca a presença nos quotidianos monásticos femininos.

2. O CONVENTO E A ARQUEOLOGIA DE SANTA CLARA-A-VELHA

O conjunto de faiança que constitui o objeto desta análise é proveniente do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, lugar de destaque na historiografia portuguesa, e em particular de Coimbra, por se encontrar associado à carismática figura de D. Isabel de Aragão (mulher do rei D. Dinis, canonizada após a sua morte – 1625 – e atual padroeira daquela cidade).

A história breve deste local fica indelevelmente ligada às águas do rio, presença assídua desde a sua construção, que de forma cíclica e constante se foi “assenhoreando” do edifício (Côrte-Real *et al.*, 2002: 24). Uma relação difícil e com maus resultados para o mosteiro em consequência do rápido processo de assoreamento do rio.

Após a extinção (1311) de um primeiro mosteiro fundado ainda no século XIII (1286) (Macedo, 2016: 119), a então rainha D. Isabel de Aragão promove e patrocina a construção, no mesmo local, de um novo cenóbio destinado a acolher uma nova comunidade de freiras Clarissas (Ordem de Santa Clara). Logo em 1317, um ano após o início da sua construção (Vasconcelos, 1993: 88), o espaço acolhe as primeiras religiosas vindas de Zamora (reino de Castela e Leão). A nova igreja, porém, foi apenas concluída em 1330, registando-se logo no ano seguinte a primeira cheia de grandes proporções e que atinge todo o edifício (Macedo, 2016: 137-138). As inconstâncias do rio foram determinantes na evolução, vivência e destino do sítio. As referências às inundações do mosteiro acompanham todo o seu período de ocupação e as frequentes soluções encontradas para minorar esta calamidade, como o sucessivo alteamento de pisos, são bem visíveis no registo arqueológico. A deterio-

ração das condições de habitabilidade ditou o inevitável abandono definitivo do espaço. Em 1677 as clarissas foram transferidas para um novo mosteiro (de Santa Clara-a-Nova) construído no sobranceiro Monte da Esperança, longe das cheias do Mondego. O conjunto monástico fica entregue aos sedimentos até 1995 (Côrte-Real *et al.*, 2002: 25), quando têm início as obras de “Valorização da Igreja do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra” e os trabalhos arqueológicos correspondentes. A escavação deste local, nomeadamente da área do claustro e suas dependências, permitiu recuperar um numeroso e variado espólio arqueológico constituído, essencialmente, por objetos representativos do quotidiano desta comunidade. Entre estes destacam-se várias categorias de cerâmica e a faiança que aqui se retrata. Estes elementos foram recolhidos nos estratos mais próximos das estruturas (*ibidem*), sobre os pavimentos bem conservados e que se constituem como os níveis de abandono dos espaços que compõem este conjunto monástico. Esta ação de obliteração terá sido aparentemente gradual, cruzando os finais do séc. XVI e o séc. XVII (Côrte-Real *et al.*, 2002: 29).

3. VIVÊNCIAS FEMININAS NAS CASAS RELIGIOSAS

O ingresso nas casas religiosas femininas raras vezes se devia a vocação, mas antes a pressões familiares e estratégias patrimoniais. Este era muitas vezes forçado, pagando estas mulheres o preço da reprodução social dos níveis de riqueza e do estatuto das suas famílias. Deste modo, casamentos abaixo da condição são substituídos pelo casamento com Cristo, onde o dote é mais baixo e o prestígio social elevado (Braga, 2010: 306; Sá, 2011: 279, 280, 290; Silva, 2019: 353-356; Trindade, 2014: 62, 63).

A vida conventual ou monástica era uma realidade definida e rotineira composta por estudo, descanso, oração e trabalho, práticas devocionais que eram vistas como uma forma de comunicação com o divino. Desenvolviam-se também atividades culturais e de lazer como produção literária, por vezes altamente criticada. O quotidiano era marcado pelas imposições e penas que configuravam nas Regras e Constituições, que integravam uma cultura penitencial, e eram reflexo de uma sociedade patriarcal que as justificava com a “fraqueza” e “fragilidade” que atribuía ao feminino. O Concílio de Trento veio exacer-

bar tais preceitos e ao esforço da Igreja rapidamente se juntou o da Coroa. Ao autocontrolo sobre os atos individuais adicionou-se então o disciplinamento social (Braga, 2010: 308; Sá, 2011: 281, 290, 291; Silva, 2019: 368, 376; Trindade, 2014: p. 53, 63).

Conventos e mosteiro materializam então aquilo que Erving Goffman (1961) apelidou de “Instituição Total” – um local de residência e trabalho para indivíduos semelhantes que vivem em clausura. Nesse sentido, a instituição é total ao criar uma barreira social com o mundo exterior e um controlo total de todos os aspetos da vivência dos indivíduos. Esta vai ter a sua expressão por excelência na arquitetura religiosa. A arquitetura é o reflexo inegável dos preceitos de género, sendo a feminina uma adaptação do modelo masculino ao ideal da clausura, marcada por dispositivos arquitetónicos que asseguram a separação entre o religioso e o secular, o masculino e o feminino. Entre estes, paredes cegas, muros altos e robustos, gradeamento nas janelas e um controlo rigoroso de entradas e saídas procuravam assegurar a inviolabilidade do espaço (Bajanca, 2014; Hernández 2009; Jacquinet, 2015; Rocha, 2017; Silva, 2019; Sá 2011; Teixeira, 2007, 2008).

Outro aspeto relevante é que os indivíduos chegam a estas instituições totais com uma cultura, vivências e quotidianos pré-existentes, sofrendo uma “desaprendizagem” ou uma “desaculturação” (Goffman, 1961: 12-14). O ingresso na vida religiosa implicava a perda do nome de batismo e a adoção de um outro e um ritual que incluía cortar os cabelos e vestir o hábito, e uma submissão aos votos religiosos (Sá, 2011: 276, 278). Marcava-se, teoricamente, um corte com a vida terrena e todos os bens deviam ser deixados para trás com a mesma.

Contudo, estas barreiras espaciais e sociais acabam por não ser absolutas. A casa religiosa não deixava de ser um espaço de permeabilidade e negociações. O contacto com o mundo secular era mediado através do locutório, da roda, e da portaria. O mirante permitia o vislumbre do que era o mundo exterior, um mundo que era em parte trazido para as celas, espaços individuais mais protegidos de olhares indiscretos e do controlo masculino. Nestas, as religiosas viviam uma vida que em muito se assemelhava à secular. Reminiscente das casas de estrado, era nas celas que familiares e amigas se reuniam, liam e escreviam, conversavam, desenvolviam os seus labores e passavam o seu tempo. Rodeadas dos seus objetos pessoais, muitas vezes luxuosos e, inclusive, impor-

tados, acompanhadas dos animais de estimação e dos apetrechos necessários para se aperaltarem. O luxo em que viviam refletia-se em móveis, vestes, objetos associados à higiene e à aparência e até mesmo em refeições. Estas mulheres tinham na cela um espaço de refúgio das rígidas regras e constituições o que fazia dele o predileto para a apropriação e manipulação da cultura material (Bernardes, 1699, 1728a, 1728b; Luís, 1731; Teixeira, 2008; Trindade, 2014; Vieira, 2001).

A “desaprendizagem” e “desaculturação” são assim contrariadas através de uma secularização que traz para dentro de mosteiros e conventos os quotidianos, vivências e culturas pré-existentes marcadas pelas transgressões e desvios próprios de um grupo de mulheres para quem a vida religiosa não foi uma escolha. Estas mulheres reclamam as identidades através da utilização de jóias, tecidos, sapatos de luxo e salto alto, peças que estavam a par da moda do século, cores garridas, mas também de perfumes e cosméticos e até de sinais falsos; da secularização do hábito; e da exibição de cabelos e pescoços. O corpo torna-se ele próprio um instrumento de reação (Braga, 2010: 316-321; Sá, 2011: 291; Santos, 2013: 36; Trindade, 2014: 58-60). A suposta mortificação dos sentidos a que estariam sujeitas em tudo difere do luxo à mesa que se reflete não só na cultura material onde se destacam faianças exógenas, porcelanas chinesas e talheres de prata, mas também nos produtos que ultrapassam a alimentação ascética em quantidade e qualidade. Entre estes temos o tabaco, alimentos importados e os famosos doces conventuais (Braga, 2015; 2010: 314-316; Lopes, 2001; Cunha *et al.*, 2000; Cruz, 2018; Queiroz, Mateus e Ruas, 2007). A monotonia rotineira dos dias que estavam ditados ao minuto vai ser superada com divertimentos, música e representações teatrais, ou por atividades como a confeção dos referidos doces. A clausura é quebrada levando muitas vezes ao comprometimento da própria castidade numa lógica tanto homossexual como heterossexual, vivia-se o auge da cultura freirática. Já entre as irmãs nem todas as relações vão ser positivas e os estatutos socioeconómicos acabam por conseguir entrar nas casas religiosas e geram discórdia e até mesmo agressões (Braga, 2008; Braga, 2010: 313, 314; Sá, 2011: 284, 290, 292; Silva, 2019: 371; Trindade, 2014: 60, 63).

Todos estes aspetos são veementemente criticados nos escritos moralistas produzidos nos séculos XVII e XVIII. Vezes e vezes repetiam-se as mesmas

críticas, reforçavam-se as mesmas regras, proibições e obrigações, mas nem esta insistência parecia capaz de dissuadir a vontade destas mulheres que, apesar de enclausuradas, permaneciam ligadas ao Século. A permeabilidade das casas religiosas parece então gritante e traduz-se num intenso intercâmbio com o mundo secular nas facetas cultural e da sociabilidade.

4. REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA FAIANÇA DE SANTA CLARA

O estudo da faiança portuguesa e da sua aquisição e utilização em casas religiosas femininas em Portugal não é novidade, sobretudo enquanto reflexo dos comportamentos de consumo das mulheres que ali viviam (Trindade, 2012; Almeida, 2012; Gomes *et al.*, 2016). Contudo, nunca esse estudo incidiu sobre como a forma feminina era representada nestes objetos.

A coleção de faiança decorada de Santa Clara perfaz 1782 objetos. Este número não corresponde ao total da coleção visto que existe muita faiança totalmente branca ou com linhas azuis que nunca foi contabilizada e que não será aqui considerada. Cronologicamente, este tipo de cerâmica pode ser datado entre finais do século XVI até 1677, momento em que o convento é abandonado. Estilisticamente, corresponde ao que se conhece em diversos pontos do país não tendo sido identificada, à exceção do que consideramos apelidar de campainhas, nenhum tipo de produção que não existisse em abundância em outros contextos arqueológicos em Portugal e noutros países que também consumiam estes objetos. Ainda que durante o século XVII sejam conhecidos três centros produtores de faiança em Portugal, Santa Clara-a-Velha tem apenas nas suas coleções arqueológicas produções de Coimbra e Lisboa.

De entre o total de cerâmica decorada identificámos 48 representações humanas, correspondentes a figuras que reconhecemos como sendo do sexo feminino (34), masculino (6), ou então representações de crianças, cujo sexo é difícil de aferir (8). Ainda que sejamos adeptos de discussões não hétero-normativas, as representações na faiança do século XVII são claras nos atributos que permitem diferenciar homens e mulheres, pelo que neste trabalho serão apenas consideradas como representações femininas aquelas que apresentam características que as identificam como tal.

Do ponto de vista morfológico, distinguem-se as re-

representações femininas entre as moldadas/modeladas (num total de 19 peças) e as pintadas em pratos, taças e garrafas (15 peças), todas estas feitas sobre fundo branco e com azul, manganês e amarelo.

À primeira categoria correspondem as campainhas, representando o corpo feminino, e os frascos com cabeças femininas. É bem possível que estes objetos fossem exclusivamente produzidos em Coimbra, visto que a sua presença em outras zonas do país não se encontra, até ao momento, documentada. Já no que às representações femininas pintadas diz respeito, estas são mais frequentes, ainda que não em número suficiente para serem consideradas uma produção de larga difusão. Estas dizem respeito, por norma, a bustos ou figuras completas geralmente associadas a atividades que podem ir do lazer (música, dança, contemplação) a atividades económicas tais como a lavoura (Casimiro, 2021).

As representações femininas pintadas de Santa Clara surgem sob a forma de bustos ou simbolizando figuras mitológicas. Os bustos totalizam 15 peças (Fig. 1). Nestes casos, as mulheres são representadas mostrando apenas a face, o pescoço, e a parte superior dos ombros. Ainda que o realismo das representações antropomórficas na faiança seja um assunto que mereça um debate mais detalhado assente em considerações estéticas, estas são as representações que consideramos serem de mulheres reais. No entanto, a verdade é que a maior parte destas surge num estilo quase caricatural. Quando observadas em detalhe é possível reparar que estas mulheres apresentam características semelhantes entre si, tais como os cabelos apanhados ou compostos numa espécie de toucado, e todas elas apresentam ao pescoço um colar que nos parece ser de contas (ou pérolas, ainda que as mesmas não sejam frequentes nos contextos arqueológicos do século XVII). Num dos casos, este colar aparece associado ao que parece ser um pendente (Fig. 1-B). Apresentam ainda a parte superior dos seus vestidos que revelam o colo exposto. Estas representações femininas “realistas” são ainda representadas nas 5 campainhas em faiança identificadas (Fig. 2). Ainda que altamente estilizadas, representam mulheres vestidas, ou despidas, com os seios expostos (Fig. 2-B), com características possíveis de reconhecer em mulheres reais.

Relativamente às demais representações femininas, e que poderemos considerar como mulheres imaginadas, elas são diametralmente diferentes na medida em que mostram o que poderemos considerar

como figuras mitológicas associadas tanto à mitologia clássica (2 fragmentos) como à mitologia cristã (1 fragmento) (Fig. 3). As duas figuras mitológicas clássicas correspondem a duas Fortunas, inspiradas na iconografia renascentista da Fortuna Marítima que segura uma vela e é responsável pela distribuição da boa sorte (Fig. 3 A-B). A outra imagem, de inspiração cristã, representa a Virgem sentada com o menino ao colo, também ela inspirada pelas inúmeras representações que existiam desta cena (Fig. 3 C). Ainda que não seja uma figura feminina, surge um quarto fragmento que deve ser considerado neste trabalho, pois retrata a figura de Adão, que pressupõe a existência de uma Eva (Fig. 3D). Estas representações são comuns na faiança portuguesa e aparecem frequentemente despidas, com uma folha a tapar os genitais e Eva a segurar uma maçã.

Ainda na categoria das representações femininas imaginadas surgem 12 garrafas e uma galheta moldadas/modeladas como se fossem figuras femininas (Fig. 4), muito estilizadas e que se distinguem sobretudo pelo arranjo dos cabelos.

Ainda que não se configurem como representações femininas, uma outra expressão presente na faiança encontrada em Santa Clara-a-Velha, aporta para a existência de mulheres. Trata-se dos recipientes com os nomes das suas utilizadoras, nomeadamente os seus nomes próprios (Fig. 5). Em Santa Clara identificámos 17 objetos com esta informação contendo os nomes Açucena, Ascensão, Elena Baptista (2), Encarnação (4), Francisca, Iacinta, Iana, Maria, Mariana, Marinha e Roza (2). Um destes nomes está ligado à categoria de Soror. A presença de nomes femininos na faiança portuguesa não é incomum, sobretudo em casas religiosas, onde são usados para marcar a propriedade dos objetos (Parreira *et al.*, 2020), muito embora surgindo igualmente em ambientes domésticos (Gaulton e Casimiro, 2014).

5. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas possíveis interpretações para os objetos com representações femininas encontrados em Santa Clara-a-Velha que não se esgotam neste trabalho. A primeira prende-se com a representação propriamente dita destas mulheres. Enquanto algumas são figuradas de forma realista (nomeadamente a imagem da Virgem com o menino ou o corpo das Fortunas), a maior parte são representações femininas estilizadas, onde a mulher surge como um ser

caricatural, sem nada que a distinga para além dos atributos considerados femininos. Uma pergunta impõe-se: Porque são as representações das mulheres imaginadas mais realistas do ponto de vista físico do que as representações das mulheres reais? Será que os oleiros ou pintores de cerâmica não teriam destreza suficiente para efetuar representações humanas com detalhe? Ainda que a capacidade de desenho pudesse variar entre pintores sabemos que isto não é verdade visto que quando observamos os azulejos manufaturados na mesma época (muitos deles pintados pelos mesmos pintores), as representações humanas (tanto masculinas como femininas) e a indumentária utilizada por essas figuras revelam grande mestria. Isto pode sugerir que estas mulheres eram propositadamente desenhadas assim, de modo que as representações reais fossem caricaturadas e as imaginadas fossem o mais verosímil possível. Aos olhos de hoje esta pode parecer uma decisão complexa, no entanto, como foi mencionado, à mulher real era exigido um papel que não era compatível com o da mulher imaginada. Teria de estar vestida, em atividades consideradas castas, corretas, aceites e que a remetessem ao seu papel subalternizado. Esta pode ser uma discussão interessante sobre a forma como as mulheres eram vistas no Portugal Moderno e a forma antagónica de representar mulheres reais e mulheres imaginadas.

Contudo, não gostaríamos de terminar este trabalho sem debater que papel poderia ter este tipo de faiança com representações femininas num mosteiro de Clarissas como seria o de Santa Clara-a-Velha. Como já foi mencionado por diversos historiadores e confirmado por diversas escavações arqueológicas, a vida conventual estaria longe do recato e da modéstia que era exigida a uma mulher religiosa na Idade Moderna. Ao estarem isoladas do mundo secular estas mulheres recusavam-se a adotar a totalidade da vida regrada que lhes era exigida. As representações femininas na faiança portuguesa podem de alguma forma revelar essa resistência no feminino. As representações de mulheres imaginadas desprovidas da sua roupa e com os longos cabelos ao vento contrapunham o uso forçado do hábito e a obliteração das suas cabeleiras. A representação de campainhas com mulheres a dançar e tocar, uma delas mesmo despida, revela como a proibição destas atividades seria desafiada ao nível mais elementar. As representações de bustos, ainda que menos realistas, mostravam como elas eram antes de abraçarem a vida conventual.

Contudo, será a presença dos seus nomes na faiança que mostra como a identidade individual continuava a ser valorizada. Ainda que pertencendo ao coletivo de monjas, utilizavam objetos que mencionavam o seu nome, sinal de propriedade privada. Se estes eram os nomes que adotavam quando entravam no convento ou os nomes que tinham antes apenas o podemos comprovar para um dos casos, onde a designação de Soror surge indicando uma categoria religiosa. Todos os outros pertenceriam às mulheres que habitavam este mosteiro.

As evidências arqueológicas que mostram como seria o quotidiano destas mulheres têm indicado que aquele se tratava de uma combinação entre as estruturas comportamentais que traziam das suas vidas antes do ingresso no convento e a aprendizagem de uma nova vida, regulada por princípios religiosos.

“Simone de Beauvoir once commented that ‘a woman is not born, but made’.” (Gilchrist 1994: 16) A cultura material constrói identidades, define um *habitus* (Bourdieu, 2020), ele próprio socialmente construído com referências a essa mesma materialidade, a formas de vestir, a atividades sociais, a comida, a espaço e a edifícios, etc. Contudo, a dualidade de estrutura também permite aos indivíduos promover mudança através da cultura material dado que esta vai estar ligada à estrutura, à agência e ao potencial para alterações sociais (Gilchrist, 1994: 16). A ideia de mulher é criada através destas representações na faiança portuguesa e estas são a lembrança quotidiana do papel que ela ocupa na sociedade ocidental. As representações mitológicas e religiosas apresentam a dualidade da natureza maléfica da mulher (personificada em Eva) e do ideal virtuoso que ela deveria procurar atingir (representado pela Virgem Maria). As representações reais lembram-na de que é valorizada enquanto esposa, enquanto mãe, enquanto mulher, enquanto “objeto” belo; que deveria ser modesta, sem vontade própria e obediente, conformada, silenciosa, passiva, recolhida ao seio de sua casa. Estas representações estabelecem as atividades e hábitos que poderia exercer e os que se encontram fora do seu alcance.

A faiança portuguesa não era simplesmente um elemento passivo, mas antes uma forma de construção e reafirmação destes comportamentos sociais, ela própria uma forma de subalternização das mulheres e de reforço das desigualdades de género. Contudo, passando a ser “esposas de Cristo” estas mulheres deixavam de ser perspectivadas como “mulheres”, o

individual passava a ser coletivo, a distinção social era trocada pelo anonimato, os laços com o mundo secular deviam ser cortados. E tudo isso nada mais é do que o preço a pagar pela reprodução social dos níveis de riqueza e do estatuto das suas famílias, por uma escolha que nunca foi delas, apesar de ser sobre elas, e que elas tiveram de aceitar. Será que a única opção é essa aceitação, essa submissão? Longe da gaiola dourada original que é o lar, do domínio do pai e do marido, de uma existência dedicada a cuidar, a reproduzir e a educar; entre outras mulheres e jovens que se encontram na mesma posição, e agora letradas e educadas, não terão estas mulheres passado a aperceber-se do seu verdadeiro valor e poder de agência? O indivíduo tem capacidade de criar a sua própria identidade que pode reforçar as relações estruturais da sociedade ou contrariá-las. Neste contexto a faiança portuguesa surge também como instrumento de resistência e como recetáculos do “eu” (Goffman, 1961: 54, 55). Estas peças não têm um significado fixo ou intrínseco, mas antes um que emerge das relações que se formam em seu redor e da forma como são manipuladas. Esta materialização do estruturalismo patriarcal torna-se paradoxalmente na forma de o combater, de agência, de construção de identidades, de ligação ao mundo secular. De facto, a “mulher” não nasce, é construída, e estes objetos fazem parte dessa construção.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Museu do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, na pessoa da sua coordenadora e dos seus funcionários, o acesso aos materiais arqueológicos aqui publicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Mariana (2012) – *Convento de Jesus (Setúbal) Arqueologia e História: Faiança decorada*, tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.
- BAJANCA, Mónica Alexandra Aleixo (2014) – *O Lugar Conventual como Memória Arquitetónica*. Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Departamento de Arquitetura, Lisboa.
- BRAGA, Isabel Drumond (2015) – A Mesa Conventual e os Sabores da América. In.: RIBEIRO, Cilene Gomes; SOARES, Carmen (Eds.), *Odisseia de Sabores da Lusofonia* (pp. 169-182). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Editora Champagnat – PUCPress.
- BRAGA, Isabel Drumond (2010) – “Vaidades Nos Conventos Femininos Ou Das Dificuldades Em Deixar a Vida Mundana (Séculos XVII-XVIII).” *Revista de História Da Sociedade e Da Cultura* I. (10): 305-22.
- BRAGA, Paulo Drumond (2008) – Casas de Deus ou Antros do Demónios? Homossexualidade Feminina em Mosteiros e Conventos (Séculos XVI-XVIII). In.: SILVA, Carlos Guardado, *Turres Veteras X – História do Sagrado e do Profano* (pp. 89-94). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras; Edições “Colibri” e Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”.
- BOURDIEU, Pierre (2020) – *Habitus and Field: General Sociology (1982-1983)* (Vol. II).
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2021) – What a delightful day. Spare time representations in Portuguese pottery, in: Matejkova, K; Blazkova, G (eds.) *Post-Medieval Pottery in the Spare Time*, Oxford: Archaeopress, pp. 119-128.
- CÔRTE-REAL, Artur; SANTOS, Paulo César; MOURÃO, Teresa; MACEDO, Francisco P. (2002) – “Intervenção no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra”. *Revista Património e Estudos. Caderno Conjuntos Monásticos – Intervenções*. Lisboa. 2: 23-32.
- CRUZ, Ana Sofia Ramos Morgado da (2018) – *As Clarissas da Ordem de Santa Clara: Alterações Tafonómicas de uma Amostra Antropológica do Convento de Santa Clara-a-Velha de Coimbra*. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Vida, Coimbra.
- CUNHA, Eugénia, FIFY, Marie-Laure, CLISSON, Isabelle, SANTOS, Ana Luísa, SILVA, Ana Maria, UMBELINO, Cláudia, CÉSAR, Paulo; CÔRTE-REAL, Artur, CRUBÉZY, Eric; LUDES, Bertrand (2000) – Children at the Convent: Comparing Historical Data, Morphology and DNA Extracted from Ancient Tissues for Sex Diagnosis at Santa Clara-a-Velha (Coimbra, Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 27 (10), pp. 949-952.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (1994) – *A History of Women in the West. III. Renaissance and Enlightenment Paradoxes*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.
- GAULTON, Barry; CASIMIRO, Tânia Manuel (2014) – Custom-made ceramics, trans-Atlantic business partnerships and entrepreneurial spirit in Early Modern Newfoundland: an examination of the SK vessels from Ferryland, *International Journal for Historical Archaeology*, 19(1), pp. 1-20 (doi 10.1007/s10761-014-0279-9).
- GOFFMAN, Erving (1961) – *Asylums, Essays on the Social Situations of Mental Patients and Other Inmates*. Nova Iorque: Anchor Books Doubleday & Company.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel (2016) – Portuguese Faience in the Santana Convent, Lisboa, in: GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES,

M. V. (eds.), *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 79-90.

HERNÁNDEZ, María Leticia Sánchez (2009) – “Veinticuatro Horas en La Vida de un Monastério de los Siglos XVI y XVII”. *Cuadernos de Historia Moderna. Anejos*, VIII: 199-227.

JACQUINET, Maria Luísa (2015) – “Corpos de clausura: reflexões sobre a arquitectura monástica feminina na Época Moderna”. *digitAR – Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*. (2): 229-237 doi: http://dx.doi.org/10.14195/2182-844X_2_16.

JOYCE, Rosemary; LOPIPARO, Jeanne (2005) – Postscript: Doing Agency in Archaeology, *Journal of Archaeological Method and Theory*, 12(4), pp. 365-374.

LOPES, Célia Cristina Rodrigues (2001) – *As Clarissas de Coimbra dos Séculos XIV a XVII: Paleobiologia de uma Comunidade Religiosa de Santa Clara-a-Velha*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Antropologia, Coimbra.

MACEDO, Francisco Pato de (2016) – *Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Singular Mosteiro Mendicante*. Lisboa: Caleidoscópio.

PARREIRA, Catarina; SOUSA, Miguel; FRAGOSO, Iris (2020) – “Não passa por teu o que me pertence”. *Marcas de Individualização associadas a Faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal*, In: Arnaud, J.; Neves, C.; Martins, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal – 2020 Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1879-1890.

QUEIROZ, Paula Fernanda; MATEUS, José Eduardo, & RUAS, José Paulo (2007) – Santa Clara-a-Velha, O Quotidiano para além da Ruína. Frutos e Sementes Recolhidos nos Trabalhos de Escavação Arqueológica (1996-2001). (C. d. Arqueociências, & I. P. Arqueologia, Edits.) *Trabalhos do Cipa* (111).

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2017) – “A Retórica do Espaço na Arquitetura Religiosa Portuguesa nos Séculos XVI a XVIII”. *Quintana*. (16): 79-102. doi: <http://dx.doi.org/10.15304/qui.16.5594>.

SÁ, Isabel dos Guimarães (2011) – “Os Espaços de Reclusão e a Vida Nas Margens.” In *História Da Vida Privada. A Idade Moderna*, editado por José Mattoso, 276-99. Lisboa: Círculo de Leitores.

SANTOS, Georgina Silva dos (2013) – A Vida nos Conventos Portugueses durante a Época Moderna. In.: OLIVEIRA, Daniel Martinez de; FERREIRA, Maria de Simone; HERRINGER, Pedro Colares (orgs.). *Representações do Feminino: Olhares Revistados e Contemporâneos. Caderno SocioAmbiental* (1), pp. 29-42.

SILVA, Alex Rogério (2019) – “Espaços de Reclusão: A Vida Conventual Feminina Em Portugal Nos Séculos XVI e XVII”. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*. 37 (2): 351-93. <https://doi.org/10.22264/CLIO.ISSN2525-5649.2019.37.2.09>.

SILVA, José Justino de Andrade e, ed. (1854) - *Collecção Chronologica Da Legislação Portuguesa Compilada e Annotada Por José Justino de Andrade e Silva, Bacharel Formado Em Direito*. 1603-1612. Lisboa: Imprensa de J. J. A. Silva, Rua dos Calafetes Nº 80.

TEIXEIRA, Francisco Manuel (2007) – *A Arquitectura Monástica e Conventual Feminina em Portugal, nos Séculos XIII e XIV*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Departamento da História da Arte, Faro.

TEIXEIRA, Francisco Manuel (2008) – “Arquitectura Monástica e Espaços Sagrados”. *Pedra & Cal*. (38): 10 -11.

TRINDADE, Ana Rita Rodrigues Baptista de Palma (2013) – Convento de Santana de Leiria: história, vivências e cultura material, tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

TRINDADE, Ana Rita Rodrigues Baptista de Palma (2014) – “A Vaidade Secular, e Indevoção Do Espírito, Que Em Taes Objectos Se Deleita. Cultura Material e Subversão Nos Conventos Femininos Em Época Moderna”. *Al Madam Online*. Janeiro, 53-64.

ULRICH, Laura (1991) – *Good wives: image and reality in the lives of women in northern New England, 1650-1750*, New York: Vintage Books

VASCONCELOS, António de (1993) – Evolução do Culto a Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa). Reprodução fac-similada da edição de 1891-1894. Arquivo da Universidade de Coimbra, vol. I.

FONTES HISTÓRICAS

BERNARDES, Padre Manuel (1699) – *Armas da Castidade*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.

BERNARDES, Padre Manuel (1728a) – Últimos Fins do Homem, Salvação, e Condenação Eterna. Lisboa Ocidental: Oficina de José António da Silva.

BERNARDES, Padre Manuel (1728b) – *Nova Floresta ou Silva de Apophthegmas, e Ditos Sentensiosos Espirituaes, e Moraes; com Reflexoens, em que o Util da Doutrina se Acompanha com o Vario da Erudição, assim Divina como humana* (Vol. V). Lisboa Ocidental: Oficina de José António da Silva.

VIEIRA, Padre António (2001) – “Sermão do Demónio Mudo. No Convento de Odivelas, Religiosas do Patriarca S. Bernardo. Ano de 1651”. Em PÉCORA, Alcyr (Ed.), *Sermões* (pp. 333-361). São Paulo: Hedra.

LUÍS, Frei Manuel de S. (1731) – *Instruções Moraes, e Ascéticas Deduzidas da Vida, Morte e Virtudes da Venerável Madre Francisca do Livramento Abbadessa que foy no Mosteiro de N. S. da Esperança da Cidade de Ponta-delgada, Ilha de S. Miguel* (Vol. III). Lisboa Oriental: Oficina Augustiniana.



Figura 1 – Representações femininas de bustos.



Figura 2 – Campainhas em faiança.

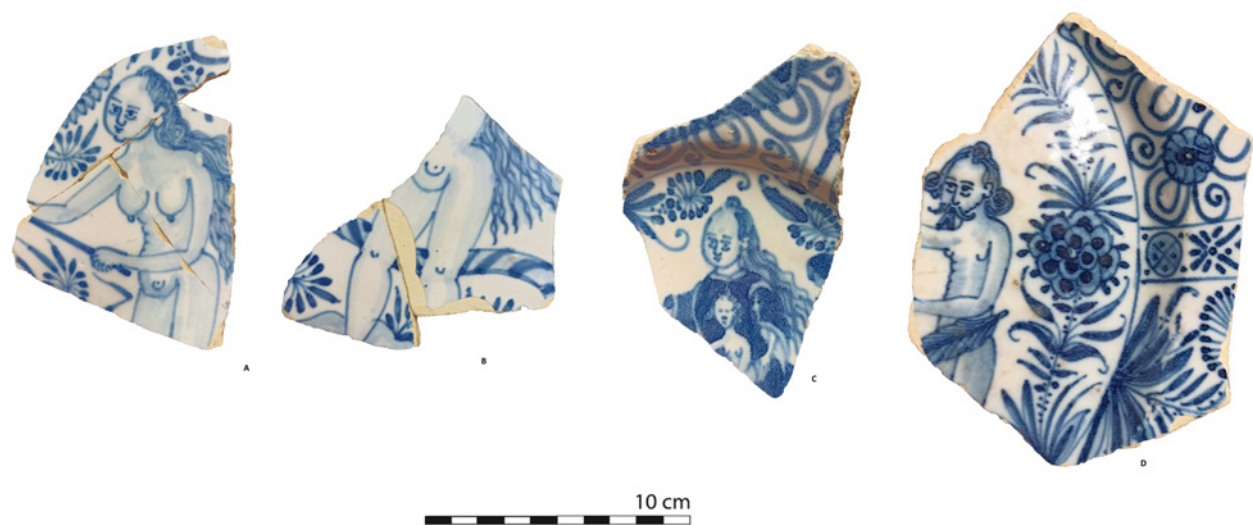


Figura 3 – Representações femininas imaginadas.



Figura 4 – Garrafas moldadas/modeladas com representações femininas.



Figura 5 – Nomes femininos em pratos.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**